

A FALTA DE BELEZA NO CORPO: INTERFERÊNCIAS NAS RELAÇÕES DE AFETO NO CONTO “HOJE DE MADRUGADA”, DE RADUAN NASSAR

Marcela Magalhães de Paula (UFC)*

Resumo

Este trabalho discute alguns aspectos a respeito do conto “Hoje de Madrugada” de Raduan Nassar, como a função da beleza nas relações de afeto. Ainda examina tópicos relativos à questão feminina, não apenas no conto, mas dentro da história ocidental. A obra desse escritor brasileiro revela-se através de nuances eróticas, em que o desejo do corpo esbarra com as questões castradoras da sociedade ocidental. Entretanto, surpreende-nos a figura feminina nassariana que abandona a posição de objeto para ser sujeito no jogo de sedução. Para tanto, o narrador pinta um cenário onde a dama suplicante vê frustrada sua sediosidade, levando os personagens à solidão e ao silêncio.

Palavras-chave: Nassar, mulher, afeto, desejo.

Abstract

This essay discuss some aspects about short story “Hoje de Madrugada”, of Raduan Nassar, like the function of beauty in affection’s relationship. It also examines aspects relative to the bearing of woman, not only to short story, but into historical western. The workmanship of Raduan Nassar shows through erotics lines, where the desire of the body stop front the questions of the society occidental person, generating in the citizen conflicts that, for times, if overlap to the ego and super-ego. However, surprise-in the a it appears feminine abandoning the object position to be subject in the seduction game. For in such a way, the narrative one paints a scene where the lady petitioner sees its desire frustrate, leading the personages of that the erotism in them takes the loneliness and to silence.

Key-words: Nassar, woman, affection’s relationship, desire.

INTRODUÇÃO

A obra de Raduan Nassar revela-se através de nuances eróticas, em que o desejo do corpo esbarra com as questões castradoras da sociedade ocidental, gerando no sujeito conflitos que, por vezes, se sobrepõem ao ego e super-ego. Entretanto, surpreende-nos a figura feminina nassariana no conto “Hoje de Madrugada”, que reflete um perfil já esboçado na novela *Um Copo de Cólera*¹, em que é ela quem vai em busca de saciar os desejos do corpo. Ou seja, é a mulher, a princípio, a agente da transformação da figura masculina em objeto de satisfação sexual, abandonando a posição de objeto para ser sujeito no jogo de sedução. Para tanto, o narrador, em primeira pessoa, pinta um cenário em que a dama suplicante vê frustrada sua sediosidade, levando os personagens ao que nos remete Octavio Paz, seguindo Bataille, de que o erotismo nos leva à solidão e ao silêncio, que abordaremos mais à frente.

“Hoje de Madrugada”² é um dos raros contos de Raduan Nassar conhecidos pelo público. Escrito em 1970, foi publicado em 1996, no *Caderno de Literatura Brasileira n° 2*, edição que elegeu o autor como tema. O texto traça um recorte dramático na relação de um casal, em que a mulher adentra um local fechado onde se encontra o homem, à cata de satisfazer suas necessidades afetivas. Dessa forma, é na madrugada que a personagem, sediosa por afeto, vai abordar o companheiro em seu microcosmo. No entanto, o narrador-personagem tece um ambiente em que o jogo de sedução logo seja malogrado, desde seu intento inicial até o desfecho da curta narrativa.

* É mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras - Literatura Brasileira da Universidade Federal do Ceará e bolsista da Capes.

¹ NASSAR, Raduan. *Um Copo de Cólera*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

² _____. “Hoje de Madrugada”. In: *Caderno de Literatura Brasileira n° 2*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1996.

1. A AUSÊNCIA DA BELEZA NO CORPO: INTERFERÊNCIAS NAS RELAÇÕES DE GÊNERO

De início, a beleza parece seguir de perto o rompimento do microcosmo. Este é deflagrado pelo modo como o narrador cita a maneira como a consorte entra no ambiente, desnudando a insatisfação dele frente a visão do corpo dela. Leiamos um trecho do conto em estudo: “(...) *Descalça, entrava aqui feito ladrão. Adivinhei logo seu corpo obscuro debaixo da camisola, assim como a tensão escondida na moleza daqueles seus braços, enérgicos em outros tempos*” (pg. 56).

Leyla Perrone-Moisés, no artigo sobre a obra nassariana, “Da cólera ao Silêncio”³, assevera que: “*Na verdade, todos os textos de Raduan Nassar se constroem em torno de uma recusa: recusa de obediência, recusa de cumplicidade, recusa de amor*” (pg. 76). Dessa forma, a recusa em dar amor, que o personagem forja à companheira, parece-nos - dentre vários motivos possíveis - permear a questão da beleza feminina e sua ausência. Assim, o narrador, ao traçar um paralelo entre a vigorosidade do corpo da mulher no passado e sua decadência no presente, faz com que nós lancemos o olhar sobre a questão do belo como qualidade impulsionadora do interesse sexual masculino.

A beleza tem sido objeto de reflexões sobre a essência do ser e a forma desde a Antigüidade. Segundo Mafalda Faria Blanc⁴, o amor é definido como desejo do belo e do eterno, em o *Banquete* de Platão. Para Aristóteles, ainda citando Blanc, “*quanto mais evoluída for a alma, mais perfeita será a forma, maior a beleza do vivente.*” (pg. 173).

A tradição helênica acerca da beleza é sintetizada pela obra do neoplatônico Plotino. Em seu *Tratado do Belo*, a beleza é identificada à essência em que a forma sensível dos corpos resultantes da matéria é concebida sob o reflexo da beleza inteligível, remetida ao bem inefável e transcendente. Desta maneira, Plotino (*apud* Blanc) articula no seu segundo tratado *Da Beleza Inteligível*: “*onde estaria o belo privado de ser e o ser privado da beleza? Perder beleza é também perder o ser. E é essa razão pela qual o ser é objecto de desejo, porque ele é idêntico ao belo e o belo é amável, porque ele é o ser.*” (p. 152).⁵

Assim, também deslocando uma terminologia hegeliana, poderíamos afirmar que a personagem nassariana está na categoria do “sendo”, em detrimento de constituir-se “um ser ideal em si”. Para tanto, a mulher, sendo desprovida de beleza, estaria anulada não apenas na sua condição

de forma, mas também na sua essência do ser, ou seja, na sua identidade.

Entretanto, convém lembrarmos o caráter misógino que a questão da beleza feminina, tanto acerca da sua presença quanto da sua ausência, passou a ter com o desenrolar dos anos, devido às configurações subjugadoras do discurso masculino no decorrer da história do homem.

Camille Paglia nos remete, no seu livro *Personas Sexuais*⁶, ao deslocamento das representações do objeto que era “belo” na pré-história “daimônica” e o eleito pelo mundo ocidental “apolíneo”. Para tanto, à guisa de exemplificação, evocamos duas imagens reproduzidas na obra de Paglia: a Vênus de Willendorf (30.000 a.c) e a rainha egípcia Nefertite (1350 a.c). A primeira é a mãe-natureza, a deusa-mãe, gorda, disforme em seus seios fartos e ventre exageradamente avantajado. A segunda representa já o perfil da mulher padrão do mundo ocidental: elegante, ornamentada com maquiagem e jóias, com um quê de semblante masculino, não-materno, que ao mesmo tempo atrai, fascina e, entretanto, impõe medo.

Ora, concordamos com a citação de Jules Bois (*apud* Dottin-Orsini), na obra *A Eterna Boneca*: “*a mulher...excitadora do macho, é também o seu reflexo: seus pequenos olhos infinitos registram fielmente a história do povo*”.⁷ Dessa forma, podemos entender melhor tais representações se recordarmos o período histórico em que foram produzidas, tanto a Vênus de Willendorf, quanto o busto de Nefertite. Aquela ainda na pré-história, em que a mulher tinha uma posição central dentro das comunidades, e esta, já esculpida num momento de dominação masculina.

Segundo Muraro & Boff⁸, as mais antigas imagens sagradas são de mulheres grávidas de grandes seios e ancas, pois as primeiras culturas eram matricêntricas, cujo regime de trabalho era baseado na coleta. Assim, como apenas os frutos providos da natureza eram suficientes para a sobrevivência das comunidades, as mulheres não necessitavam possuir uma força física “masculina”. Seu corpo reverenciava o “belo” materno, o ventre farto que procriava. Havia, então, a inveja do útero por parte dos homens, pois estes eram seres marginais naquelas comunidades:

Inconscientemente, durante um milhão e meio de anos eles foram desenvolvendo uma inveja das mulheres. Nessas culturas, o órgão supervalorizado não era o pênis e, sim, o ventre – grávido – das mulheres, porque dele dependia a sobrevivência do grupo e dos seres que alimentavam a vida recém-criada.” (MURARO & BOFF: 2002, 173)

³ PERRONE-MOISÉS, Leyla. “Da cólera ao Silêncio”. In: *Caderno de Literatura Brasileira n° 2*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1996.

⁴ BLANC, Mafalda Faria. *Estudos sobre o ser*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

⁵ Op.cit.

⁶ PAGLIA, Camille. *Personas Sexuais: arte e decadência de Nefertite a Emily Dickson*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

⁷ DOTTIN-ORSINI, Mireille. *A mulher que eles chamavam fatal: textos e imagens da misoginia fin-de-siècle*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

⁸ MURARO, Rose Marie & BOFF, Leonardo. *Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

No entanto, com a chegada do período de necessidade da caça, os homens passaram a delinear uma trajetória até o patriarcado, pois descobriram seu papel na procriação e, através da força física, estabeleceram seu domínio, há cerca de 20 mil anos. Então, deu-se o perfil das relações de gênero que passamos a conhecer nas sociedades patricêntricas: “a mulher fica reclusa no domínio da casa – do privado – e o homem assume o domínio público”⁹ (pg. 173).

Quanto à representação da mulher feia, Mireille Dottin-Orsini¹⁰ dedica-se ao que chamou de “a ascensão da carniça”, lembrando-se das esculturas medievais que representavam de um lado uma mulher bonita e, do outro, a mesma figura feminina deteriorada e plena de vermes. Tal escultura tinha uma função religiosa de remeter ao perdão e à brevidade da vida, inicialmente. Mas, conforme cita na página 42:

Tratava-se realmente, oficialmente, de Memento Mori, de Contemplus Mundi para uso feminino; mas era justamente neste feminino que estava o problema. Os textos da Idade Média e sua correspondente iconografia visava ao Homem. (...) A partir de Baudelaire, operou-se uma verdadeira deturpação do discurso religioso, com a finalidade de armamento (pouco leal) para o combate dos sexos. A imagem macabra não era mais um meio pedagógico de reflexão sobre a igualdade diante da morte: era tomada em grau máximo em toda a sua brutalidade, e projetada sobre “A Outra”. Não se tratava mais, para o homem, de contemplar-se como cadáver e arrependê-lo; tratava-se de transformar uma mulher em cadáver, não para convertê-la, mas para amedrontá-la e mudar sua beleza em objeto de horror.

Desse modo, parece-nos que o homem criou meios para dominar a mulher como uma espécie de modo de vingar-se –ou expiar-se – da inveja do útero. Muraro e Boff fala-nos da inveja do ventre, Dottin-Orsini de vingança masculina e Paglia cita o medo masculino inconsciente que ainda perdura ao nos remeter ao mito da “Vagina Dentada”. Afinal é a mulher quem devora o homem no ato sexual.

Erigir e lembrar o lado feio da mulher reflete a necessidade do discurso masculino em ostentar seu domínio, através de uma imagem de deterioração. Assim, no conto “Hoje de Madrugada” temos o seguinte excerto: “Quando ela veio da janela, ficando de novo na minha frente, do outro lado da mesa, não me surpreendi com o laço desfeito do decote, nem com os seios flácidos tristemente expostos, e nem com o traço de demência lhe pervertendo a cara.” (pg.59).

2. BEGIERDE VERSUS ORÉXIS

Segundo Luciana Wrege Rassier, da Université de La Rochelle, em trabalho apresentado no simpósio internacional *Fazendo Gênero*, intitulado *Manipular e ser manipulado: as personagens femininas de Raduan Nassar*, nos assevera que:

Uma primeira abordagem dos textos do paulista Raduan Nassar pode levar a crer que a representação das personagens femininas reforçaria uma perspectiva de depreciação das mulheres e de afirmação de uma pretensa superioridade masculina. No entanto, no universo nassariano, a interação masculino-feminino corresponde à busca constante de um equilíbrio por natureza precário.¹¹

De fato, as questões de gênero no conto, além do equilíbrio intentado, parecem passar também pela questão do desejo hegeliano: a *Begierde*, em que o indivíduo reitera a afirmação de si pela negação do outro. Mesmo que isso signifique anular o ato erótico, o que vale é contrariar o outro, afinal é ela quem implora, ela que parece circunscrever o termo grego, conforme Marilena Chauí¹² nos recorda, “*Oréxis, ação de tender para algo ou alguém, donde apetite e desejo, vem de oregô, tender; estender, dar, oferecer; estender as mãos para implorar.*” (pg. 22).

Vejamos outro excerto do conto que comprova a tendência suplicante da mulher: “*Foi uma caligrafia rápida e nervosa, foi uma frase curta que ela escreveu, me empurrando o bloco todo, sem destacar a folha, para o foco dos meus olhos: ‘vim em busca de amor’ estava escrito, e em cada letra era fácil de ouvir o grito de socorro.*” Mais à frente o narrador arremata: “*Fiquei um tempo sem me mexer, mesmo sabendo que ela sofria, que pedia em súplica, que mendigava afeto. Tentei arrumar foi um esforço sua imagem remota, iluminada, provocadoramente ativa, e que agora expunha a nuca a um golpe de misericórdia*” (pág.58)

A mulher, sendo o sujeito no jogo de sedução, é quem transgrede o espaço tangível nas relações de afeto: o corpo. Assim, o homem sente-se perturbado e vê, no deslocamento do seu papel de caçador para caça, um tom de teatralidade. Aliás, a teatralidade parece perpassar toda a obra de Nassar. Aqui convém lembrar o que nos diz Francesco Alberoni sobre o comportamento masculino frente a essa iniciativa feminina, que bem caberia como hipótese para a recusa do narrador em dar afeto à sua dama:

⁹ Op.cit.

¹⁰ 11 DOTTIN-ORSINI, Mireille. *Op.cit.*

¹¹ RASSIER, Luciana Wrege. *Manipular e ser manipulado: as personagens femininas de Raduan Nassar*. In: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/st_13_B.html

¹² CHAUI, Marilena. “Laços do Desejo”. In: NOVAES, Adauto (org.). *O desejo*. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

*Outro fato paradoxal é que o homem, quando uma mulher se entrega a ele com muita facilidade e de modo desabrido, tem a impressão de que ela o faz por cálculo, ou por um motivo, isto é, que age como uma prostituta. A expressão pejorativa puta quer dizer afinal que ela finge, que engana, que usa sua sexualidade com fins não eróticos. Não nos esqueçamos de que, para o macho, o prazer sexual é um fim por si mesmo. A idéia de que é usado com outra finalidade o perturba. A idéia de que a excitação erótica possa ser simulada o inquieta. Por que ele não pode fazer isso, porque nele a ereção é uma prova que não pode falsificar.*¹³ (pg. 61)

Outra hipótese que pode ser arrolada para a recusa do homem é o fato do desinteresse que os supostos longos anos impõem à vida conjugal, conforme nos é retratado. Adauto Novaes nos diz que: “*Acontece com os afetos e desejos o mesmo que acontece com a liberdade: uma prodigiosa desatenção, perda de intensidade, um estado de perturbação profunda pela imaginação delirante*”¹⁴ (pg 11). Assim, como os personagens parecem desenvolver uma relação amorosa há tempos, as relações de afeto foram se deteriorando naturalmente.

Do mesmo modo, Georges Bataille afirma, em sua obra *O Erotismo*, que:

O casamento é muito freqüentemente considerado como se tivesse poucas coisas a ver com o erotismo. (...) O mais grave é que o hábito atenua a intensidade, e o casamento implica o hábito. Existe um acordo considerável entre a inocência e a ausência de perigo que apresentava a repetição do ato sexual (ficando apenas o primeiro contato marcado pela apreensão) e a ausência de valor, no plano do prazer, ordinariamente atribuída a essa repetição. Esse acordo não negligenciável diz respeito à própria essência do erotismo.(pg. 173)¹⁵

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, discordamos do que afirma Rassier sobre o perfil da mulher nassariana que a pesquisadora teceu, conforme já supracitamos, acerca do equilíbrio no arrolamento dos gêneros. Sim, é verdade que Nassar ao dar a uma personagem feminina o papel de sujeito a coloca numa posição de equilíbrio quanto ao conflito dos gêneros, posto que é o homem que costumeiramente impõe à mulher o caráter de objeto sexual nas relações de afeto. Entretanto, convém lembrarmos, numa metáfora aleatória, a escultura do renascentista Benvenuto Cellini de 1540: *Perseu com a cabeça de Medusa*. Apesar da mulher ser a *femme fatale*,

de ter o papel “daimônico” de sedução, é ele, ao final, quem segura sua cabeça ao alto, separando a mente e o corpo dela, que, aliás, este, ele mantém sob seus pés ocidentais.

A representação do erotismo, em Raduan Nassar, termina em silêncio e solidão, conforme nos remete Octavio Paz (1999: 37)¹⁶, e os personagens de “Hoje de Madrugada” passam a ser rodeados por fantasmas:

O ato erótico é uma cerimônia que se realiza de costas para a sociedade e diante de uma natureza que jamais contempla a representação. O erotismo é, ao mesmo tempo, fusão com o mundo animal e ruptura, separação desse mundo, solidão irremediável. Catacumba, quarto de hotel, castelo forte, cabana na montanha ou abraço na intempérie, tudo é igual: o erotismo é um mundo fechado tanto à sociedade quanto à natureza. O ato erótico nega o mundo – nada real nos rodeia, exceto nossos fantasmas.

Desse modo, podemos aferir que as personagens estão pressionadas dentro de um jogo de representação, em que o homem não se entrega a uma natureza instintiva esperada, nem a mulher consegue fugir das amarras sociais históricas. Assim, apesar da ousadia desta, ela vê seu desejo se entrevar, diante do fantasma de uma não mais beleza, ocasionada pela velhice. Portanto, é também a falta do belo no corpo que reflete e interfere na esfera das relações afetivas, analisada em “Hoje de Madrugada”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERONI, Francesco. *O erotismo: fantasias e realidades do amor e da sedução*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo- ensaio*. São Paulo: Arx, 2004.
- BLANC, Mafalda. *Estudos sobre o ser*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.
- CHAUÏ, Marilena. “Laços do Desejo”. In: NOVAES, Adauto (org.). *O desejo*. São Paulo: Companhia das letras, 1992
- DOTTIN-ORSINI, Mireille. *A mulher que eles chamavam fatal: textos e imagens da misoginia fin-de-siècle*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996
- MURARO, Rose Marie & BOFF, Leonardo. *Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- NASSAR, Raduan. *Um Copo de Cólera*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

¹³ ALBERONI, Francesco. *O erotismo: fantasias e realidades do amor e da sedução*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

¹⁴ NOVAES, Adauto (org.). *O desejo*. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

¹⁵ BATAILLE, Georges. *O erotismo- ensaio*. São Paulo: Arx, 2004.

¹⁶ PAZ, Octavio. *Um mais além erótico: Sade*. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Mandarim: 1999.

_____. “Hoje de Madrugada”. In: *Caderno de Literatura Brasileira n° 2*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1996.

NOVAES, Adauto (org.). *O desejo*. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

PAGLIA, Camille. *Personas Sexuais: arte e decadência de Nefertite a Emily Dickison*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PAZ, Octavio. *Um mais além erótico: Sade*. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Mandarim: 1999.

RASSIER, Luciana Wrege. *Manipular e ser manipulado: as personagens femininas de Raduan Nassar*. In: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/st_13_B.html. Acessado em:20.12.2006

PERRONE-MOISÉS, Leyla. “Da cólera ao silêncio”. In: *Cadernos de Literatura Brasileira*. N.2. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 1996.